

De qualquer dos modos, a Confraria da Santa Casa da Misericórdia da Vila de Sintra surge-nos apenas fundada em 1545, a instâncias de D. Catarina, mulher de D. João III. Foi também a pedido dela que este monarca anexou à Confraria da Misericórdia o antigo Hospital e a Gafaria.

Durante os séculos XVI e XVII, a Misericórdia de Sintra continuou o seu trabalho de prestação de serviços de saúde e religiosos – regidos pelas quatorze «Obras de Misericórdia» - compreendendo alguns de ordem prática e outros de ordem ideológica.

Os legados à Misericórdia da Vila sucederam-se, acumulando um avultado património, sendo de registar as diversas doações monetárias e patrimoniais, bem como as ofertas de obras de beneficiação destinadas à Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, edificada em frente do Paço Real.

Mais tarde, durante o século XVIII, a Misericórdia de Sintra continuava a gozar de inúmeros privilégios régios; apenas o terramoto de 1755 veio abalar aquela instituição. Arrasada quase completamente a sua Igreja, as obras de reconstrução começaram logo de seguida, se bem que a um ritmo pouco acelerado – porquanto toda a Santa Casa se encontrava, então, sobretudo empenhada no auxílio dos sobreviventes – tendo-se dado por concluídas as obras apenas em 1762.

Hoje, o templo encontra-se reduzido ao magnífico altar-mor e a dois altares laterais, pois que toda a nave e demais dependências foram criminosamente demolidas, nos alvores da República, a fim de se alargar a via pública.

Pelas suas características caritativas e voluntárias, a Misericórdia da Vila de Sintra acumulou ao longo dos tempos um acervo arquivístico e artístico digno de nota. Para além de toda a documentação medieval e quatrocentista – herdada de anteriores instituições locais de beneficência –, a Santa Casa de Sintra possui ainda importantes núcleos documentais dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Do seu espólio fazem parte, também, inúmeros paramentos, adornos, peças de altar, coroas, resplendores e escudelas, datados na sua quase totalidade do período balizado entre o século XVI e o XVIII. Lugar destacado merecem, contudo, as tábuas quinhentistas do templo, atribuídas a Cristóvão Vaz e representando a «Adoração dos Magos» e a «Ressurreição de Cristo», duas obras de significativo valor pelo seu cromatismo, pureza de linhas e composição estética.

A igreja, de invocação mariana, embora actualmente reduzida ao altar-mor, apresenta ainda um retábulo do século XVII-XVIII, todo ele construído em talha dourada, e onde se salientam as várias ordens de colunas torsas ricamente ornamentadas com parras e

cachos de uvas. A imagem, de roca, colocada ao centro do retábulo, constitui uma interessante peça setecentista.

De referir ainda o arco de triunfo maneirista, alguns azulejos de tapete do século XVII que subsistiram ao abalo sísmico de 1755, e os antigos epitáfios.

É também no século XVI que se edifica um outro templo de grande significado na freguesia de São Martinho: a Capela de São Mamede, em Janas, na sua curiosa planta circular, a fazer lembrar outros ritos mais antigos. Muito provavelmente idealizada e riscada por Francisco de Olanda, esta capela ainda hoje recebe uma das mais concorridas romarias do concelho de Sintra, a 17 de Agosto, altura em que se festeja o santo padroeiro, São Mamede, o protector dos animais.

De facto, os séculos XV e XVI foram tempos de ouro para Sintra. Por aqui pontificaram as grandes figuras nacionais, como Gil Vicente, João de Barros, Bernardim Ribeiro, Garcia de Resende, Luísa Sigea, Nicolau de Chanterene, Francisco de Holanda, André de Resende, D. João de Castro, Luís de Camões e tantos, tantos outros que seria fastidioso enumerá-los a todos neste trabalho.

Mas em 1578, numa tristemente célebre última audiência dada no Paço Real de Sintra, D. Sebastião decidiu ir combater os mouros a Alcácer Quibir, lá pelas areias de Marrocos,



sem deixar herdeiro directo que lhe sucedesse no trono de Portugal. E, em 1580, os reinos da Península Ibérica uniram-se debaixo do mesmo ceptro – o de D. Filipe II de Espanha, primeiro de Portugal.

Com a corte longe, em Madrid, Sintra perdeu muito do brilho que a tinha iluminado nas épocas anteriores. E durante todo o século XVII, esse ar pardacento havia de continuar a ocultar Sintra, atrás das suas neblinas misteriosas. Nem mesmo a Restauração de 1640 trouxe, de novo, a corte para Sintra. Apenas visitas esporádicas de D. João IV e outra de D. Luísa de Gusmão, aquela mesma onde o senado da Câmara se empenhou a recuperar a «antiga fonte da Sabuga».

Mas neste tempo de lutas contra Espanha para que mantivessemos a nossa independência, um homem de Sintra havia de se destacar – André de Albuquerque Ribafria, grande herói da Guerra da Restauração que haveria de morrer, em 1659, na batalha das Linhas de Elvas.

Tão fora de moda andava Sintra nestes tempos que o palácio da Vila acabou por servir de cárcere ao infeliz D. Afonso VI. E não se transformaria em prisão estes nobres paços, caso se pensasse habitá-los.

D. João V também não se comoveu com as névoas de Sintra. Preferiu as charnecas de Mafra para edificar, a ouro do Brasil, um imponente palácio e convento. D. Pedro III apenas quis ter Sintra como cenário de fundo e, por isso, aplicou-se a construir o Palácio de Queluz. Por aqui, destaque apenas para o nascimento de uma importante quinta senhorial – a da Madre de Deus.

As origens da Quinta da Madre de Deus remontam a 1729, quando o Chantre da Basílica Patriarcal de Lisboa, D. Filipe de Sousa, adquiriu a propriedade ao Convento da Santíssima Trindade do Arrabalde.

De cor rosa escuro, a construção setecentista é um modelo de raízes rústicas, mas a importância dada pelo proprietário à capela veio a criar um ornamento mais erudito. Perdura a utilização da alvenaria para os efeitos decorativos, nomeadamente o remate do portão de entrada, efeito de mascarões sobre as janelas do pátio e remate barroco ondulante coroando a entrada da capela. No interior do templo pode-se apreciar um excelente painel de azulejos de meados do século XVIII, com motivos marianos.

Mas, definitivamente, Sintra não estava na moda, não fazia parte dos gostos da época.

## 4

### **Do terramoto de 1755 à República**

A terra não dorme. Todos os dias ela se mexe, se renova, na construção constante da vida. E foi necessário que ela tremesse violentamente, no dia 1 de Novembro de 1755, para que o coração dos homens se virassem, de novo, para Sintra.

Neste dia fatídico, dois terços da Vila de Sintra ruíu. Edifícios como a Igreja de São Martinho, a da Misericórdia ou o Paço Real, sofreram muito com o impacto do terramoto.

O mesmo não se terá passado em alguns dos outros lugares da freguesia de São Martinho. Janas, por exemplo, pouco sofreu. Morelinho e Nafarros também não foram muito afectados, exceptuando um ou outro palheiro desmoronado. Por certo muito terão contribuído os terrenos arenosos, e um subsolo rico em calcário, para amortecer as ondas de choque do tremor de terra.

Mas «*Deus escreve direito por linhas tortas*», como diz o povo saloio, crente quanto baste para saber que os desígnios do fado, do destino ou do acaso, são coisas que não são para explicar.

Foi na reconstrução de Sintra, e na reconstrução das gentes, por certo muito afectadas com toda aquela catástrofe, que as modas voltaram à Vila.

Numa altura em que começam a ser postos de parte os sentimentos estilizados e racionais dos clássicos, os artistas vão criar conforme o arrebatamento de cada um, despontando assim a aurora do Romantismo. Por ora, estas manifestações surgem ainda associadas ao Iluminismo e ao Neo-classicismo. Mas certo é já que o tempo é de mudança. E na transformação da mentalidade portuguesa, operada a partir do último quartel do

séc. XVIII, os viajantes estrangeiros, antepassados dos actuais turistas, vão ter capital importância.

Neste panorama de transfiguração mental, serão os escritores forasteiros, em particular os ingleses, a catapultar a magia de Sintra para as páginas da literatura mundial. William Beckford (1760-1844) aportou em Lisboa, devido ao mau tempo, nove dias depois de ter partido de Inglaterra (Falmouth), em 15 de Março de 1787, com destino à Jamaica onde possuía grandes plantações de açúcar. Em consequência desta decisão acidental, permanece até Dezembro no nosso país, dando início a um dos períodos mais felizes da sua vida, na troca de amizade com os portugueses que constituem ponto alto na história das relações culturais luso-britânicas. E neste contacto entre um dos mais destacados impulsionadores do Romantismo inglês e a sociedade portuguesa dos finais de setecentos, Sintra ocupa um lugar proeminente.

Ao instalar-se, faustosamente, na Quinta do Ramalhão, proliferam os contactos com outros estrangeiros que possuíam casa em Sintra, caso do cônsul holandês Daniel Gildemeester, proprietário da Quinta da Alegria e Campo de Seteais, do banqueiro Horne que habitava a Quinta do Relógio, ou então, numa crescente e continuada amizade, o contacto com a fidalguia portuguesa, particularmente com a família do 5º Marquês de Marialva, D. Diogo Vito, Estribeiro-Mor do reino, que tinha casa em São Pedro a poucas centenas de metros do Ramalhão. Conhecedor da língua portuguesa, que estudara desde os dezoito anos, os seus relatos são íntimos, rigorosos, e de uma beleza e sinceridade a ter em conta. Vejamos o deslumbramento de Beckford quando subiu ao alto da Serra de Sintra e estendeu os olhos pela paisagem:

*“É ilimitada a perspectiva que se desfruta deste monte em forma de pirâmide: os olhos, baixando, dilatam-se pela imensa extensão das águas do vasto e infinito Atlântico. Uma longa série de nuvens soltas, duma alvura deslumbrante, suspensas a pouca altura do mar, produzem um efeito mágico, e nos tempos do paganismo tomá-las-iam, sem grande esforço de fantasia, pelos carros das divindades marinhas, que acabavam de surgir do seio do seu elemento. I...I A fresca brisa, impregnada do perfume de inúmeras ervas e flores aromáticas, parecia infundir um novo alento nas minhas veias, e um quase irresistível desejo de me prostrar por terra e adorar neste vasto templo da Natureza a origem e a causa da vida. I...I Esta manhã, a grande suavidade da luz do sol, e a atmosfera serena e perfumada infundiam no espírito aquela voluptuosa indiferença, aquele desejo de ficar como num paraíso, nessa manhã de delícias, que nas ficções da fábula se supunha fazia esquecer aos que provavam o lotos a pátria, os amigos e todos os laços terrenos. Era isso que eu sentia, e tornara-se-me odiosa a ideia de me arrancar dali.”*

Nos seus passeios por Sintra e Colares, Beckford capta a infinitude dos horizontes, a Natureza poderosa e vivificadora, o poder encantatório da paisagem, a visão do Promontório como espaço edílico onde o indivíduo se liberta e esquece as agruras terrenas. Tudo isto vive o poeta neste breve trecho e tudo isto é já romântico. Beckford regressará a Portugal mais duas vezes, de 1793 a 1795 e de 1798 a 1799. Na segunda vez acabará por arrendar a Quinta e Palácio de Monserrate.

De facto, a estadia deste escritor inglês em Sintra coincide com a construção de dois edifícios de enorme importância para o património sintrense – a quinta e palácio de Monserrate e o palácio de Seteais.

Beckford acaba mesmo por arrendar a propriedade de Monserrate, não com aquele palácio que hoje conhecemos – esse de concepção mais tardia, pela mão de outro rico inglês, Sir Francis Cook – mas um de estilo neo-gótico, edificado por Gerard de Visme.

Também vê nascer Seteais, primeiro apenas um corpo do actual edifício, o do lado esquerdo da fachada, construído por Daniel Gildemeester, cônsul holandês em Portugal. Depois, já nos finais do século XVIII, a propriedade é adquirida por D. Diogo Vito, marquês de Marialva, aquele mesmo tão amigo de Beckford, que completa o palácio com um arco e um segundo corpo, obra terminada em 1802 e dedicada a D. João, então ainda príncipe regente e, mais tarde, D. João VI.



Atrás deste viajante, muitos outros virão. Note-se aqui a passagem por Sintra de Robert Southey (1774-1843), primeiro juntamente com um tio em 1795, e depois já sozinho, de 1800 a 1801. Escreve, envolvido na cenografia sintrense, a segunda metade do seu poema *Thalaba*, que tanta influência viria a exercer em poetas como Shelley e Walter Scott; e uma parte do *Curse of Kehama*. A Sintra Robert Southey chamou “o mais abençoado torrão de todo o globo habitável”.

Árdua tarefa seria desenrolar o sudário de todos os escritores que passaram por Sintra neste período. Contudo, e para que se complete, pelo menos, uma tríade gloriosa, é forçoso que se fale de outro poeta britânico: Lord Byron. Pese embora o facto dele se dirigir ao povo português de um modo pouco dignificante, também Byron ficou apaixonado pela exuberância de Sintra, que visita em 1809, instalando-se no pioneiro Lawrence’s Hotel. Chamará a Sintra o “*Eden glorioso*”, e ainda acrescentará que “*a vilazinha de Sintra é talvez a mais bela de todo o mundo*”. Vejamos um pequeno trecho de *Childe Harold’s Pilgrimage* onde todo o encanto e beleza de Sintra é sintetizada. Retiramos esta passagem, bem como as anteriores referentes aos poetas ingleses, do excelente trabalho *Sintra na Literatura Romântica Inglesa*, da autoria de João Almeida Flor.

“*Eis Sintra e o seu Éden resplandecente surgindo num labirinto multicolor de montes e vales. Ai de mim, que não sei pintar nem descrever metade sequer das maravilhas em que os meus olhos se deleitam. I...I Um convento empoleirado no topo de horríveis penhascos, os brancos sobreiros cobrindo a encosta escarpada, o castanho musgo da serra que o sol abrasou, o vale profundo de sombrios arbustos inclinados, o meigo azul do mar sereno, os matizes alaranjados que doiram o mais verde ramo, as torrentes que se precipitam das alturas para os vales, lá no alto a vinha e lá em baixo ramos de salgueiros - tudo brilha, conjugado, numa grandiosa cena de variada beleza*”.

Com as invasões napoleónicas, volta a corte a sair de Sintra e, desta vez, até de Portugal, a demandar terras do Brasil. E depois de saqueado o país pelos franceses invasores e pelos ingleses, que supostamente estavam cá para nos ajudarem, Portugal entra numa guerra fratricida, travada entre duas facções contrárias – os liberais e os absolutistas.

Só com o exílio de D. Miguel e a entrega do trono a D. Maria II, o país entrava numa paz relativa, aqui e ali ainda salpicada por escaramuças.

Mas esta rainha de Portugal havia de casar, em segundas núpcias, com um príncipe da Baviera, D. Fernando de Saxe Coburgo-Gotha, em 1836. E a paisagem de Sintra jamais seria a mesma, muito por mérito deste homem de sensibilidade extrema e avultado índice cultural.

Com a construção do parque e palácio da Pena, a partir de 1840, foram muitos os nobres e aristocratas endinheirados que buscaram Sintra como estância dilecta de lazer e de ócio.

Florescem, assim, os albergues, as pensões e os hotéis em Sintra. A juntar ao velho e pioneiro Lawrence's Hotel, a primeira unidade hoteleira da Península Ibérica e uma das mais antigas da Europa, surgem outros estabelecimentos que grangearam nome no seio da sociedade elegante lisboeta de oitocentos.

Destaque para o Hotel Víctor, empoleirado sobre o casario da Vila, espécie de casino particular e propriedade de Víctor Sasseti. Citado na nossa literatura por alguns dos maiores vultos, caso de Eça de Queirós, Fialho de Almeida ou Alberto Pimentel, serviu de palco às acções de uma das mais notáveis obras de Camilo Castelo Branco – *“A Queda dum Anjo”*.

Nesta magnífica novela, onde satiriza o constitucionalismo português, Camilo Castelo Branco oferece-nos um quadro das deslocações à Vila da sociedade lisboeta, em tempo de veraneio: *“Era já pleno Estio. Os galãs mais ardidados de Lisboa estanciavam por Seteais, por Pisões, e por aquelas várzeas de Colares, a engarrafar lirismo para gastarem por salas nas noites de Inverno.”* É aqui que se desenrola a ligação entre o protagonista, Calisto Elói, morgado de



Agra de Freimas e a bela Ifigénia: *“A presença de Calisto Elói, confundido com os arbustos floridos da casinha misteriosa, aumentou a curiosidade dos indagadores. Uns consideravam esposa do deputado a bela esquiva; outros aventavam hipóteses mais românticas, mas menos honestas. À primeira conjectura opunha-se uma forte razão negativa: se era marido, porque vivia no hotel do Vitor? À segunda conjectura, contraditava outra razão ponderável: se era amante, que descuidado amante era ele, que se encerrava no seu quarto do hotel, durante as noites - facto averiguado minudenciosamente pelos interessados?”*

O edifício do antigo Hotel Víctor ainda está de pé, no seu porte cor-de-rosa pombalino, hoje transformado em residências particulares. Aqui habitou José Alfredo da Costa Azevedo, um dos homens mais salientes de toda a história da freguesia de São Martinho, da qual era natural, verdadeiro cronista de Sintra, republicano convicto, primeiro presidente da Câmara Municipal de Sintra após a Revolução de 25 de Abril de 1974 e, sobretudo, um inspirado e aplicado amante da sua terra natal. Muito deste modesto trabalho seria prejudicado sem a preciosa ajuda dos seus trabalhos.

Outra unidade hoteleira sintrense que ficou gravada nos anais de ouro da nossa literatura foi o Hotel Nunes. Cenário de um dos episódios mais cómicos de *“Os Maias”*, de José Maria Eça de Queirós, esse romance maior das letras portuguesas. Demolido na década de setenta, o Hotel Nunes não seria, propriamente, a mais recatada das unidades hoteleiras de Sintra. Situado num lugar recôndito da Vila, cujo acesso se fazia pela estreita Rua de Meca, entalada por um casarão demolido em 1911 e pertencente ao Paço Real, o Hotel Nunes está ligado às facetas mais delectérias das personagens de *“Os Maias”*. É mesmo o criado do hotel quem confirma a má imagem deixada por indivíduos como Dâmaso Salcede, essa personagem fabulosa da criação de Eça: *«/.../ só com raparigas e em pândega é que o senhor Dâmaso vinha para o Nunes»*. O facto é que em *“Os Maias”*, não será Dâmaso Salcede quem o protagonista do romance, Carlos da Maia, vai encontrar no Nunes. Desta vez, aí se encontram instalados alarvemente e sem escrúpulos Eusebiozinho, o viúvo, fransino e acanhado que se intimidava desde pequeno perante a figura de Carlos da Maia; com *«outro sujeito, gordo, baixo, sem pescoço»*: o Palma Cavalão, jornalista medíocre de pasquim, acompanhados por duas prostitutas espanholas.

Já no virar do século XIX para o século XX, destaque para mais duas unidades hoteleiras da Vila. O Hotel Central, propriedade da família Raio, e cujo actual dono é António Raio, figura mítica do Hockey Club de Sintra. A outra foi o Hotel Costa, instalado no antigo palácio dos condes de Ficalho, e onde funciona hoje os serviços de Turismo de Sintra.

A Vila de Sintra conheceu um período áureo durante a centúria de oitocentos. Aqui se situava a Câmara Municipal, a Administração do Concelho, o Tribunal e os Bombeiros Voluntários de Sintra, tudo isto a funcionar no mesmo edifício, o actual Museu do Brinquedo.

Também em plena Vila Velha exerceu a sua actividade o Grémio Republicano de Sintra, na Rua das Padarias, e o Hockey Club de Sintra aqui teve a sua génese e a sua sede durante muitos anos.

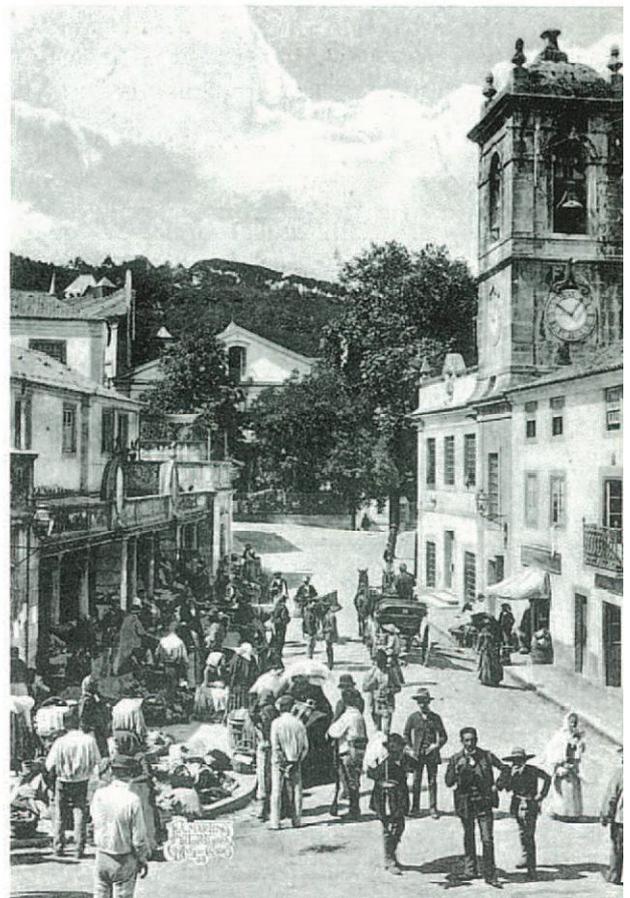
Hoje, Câmara Municipal, Tribunal e Bombeiros Voluntários de Sintra deslocaram as suas sedes para territórios periféricos à freguesia de São Martinho. Consequências do aumento populacional, da modernização dos serviços, enfim, do caminhar agitado da Humanidade ao qual chamamos progresso.

Contudo, enquanto a Vila de Sintra vai perdendo população e serviços, quase reduzida ao turismo, ao património e ao comércio dirigido a visitantes, outras povoações da freguesia vão, felizmente, progredindo, aumentando as suas gentes e criando condições de vida com padrões bastante agradáveis.

A Várzea de Sintra é um caso bastante elucidativo daquilo que acabamos de dizer. Outra um pequeno lugar agrícola, cresceu bastante nos últimos anos, num crescimento controlado, onde os habitantes conseguem encontrar qualidade de vida. Desenvolveu o comércio local, viu nascer várias pequenas e médias empresas, tem a farmácia, um moderno Centro de Saúde e a sua Sociedade Recreativa.

O mesmo acontece com povoações como Morelinho ou Nafarros, esta última com um significativo aumento de população residente nos últimos anos e com um clube emblemático que desportou recentemente, mas com toda a energia, para a modalidade de hóquei em patins.

Janas tem preservado a sua traça saloia, o seu ar característico e simpático, a sua gente hospitaleira que faz dela uma das povoações mais populares do concelho e da freguesia. Com um povo empreendedor e amigo da tradição, esse encontro com os visitantes tem o seu epílogo nas Festas de São Mamede, a 17 de Agosto, por força e vontade das gentes de Janas.



Galamares, cujo topónimo pode derivar de «alaga mares», já que o Rio das Macãs – navegável em outros tempos – sentia as influências da maré-cheia até aquela povoação, deve o seu desenvolvimento à Casa de Monserrate. Senhores da Quinta da Penha Verde, de Monserrate, Capuchos e várias tapadas e propriedades anexas, os viscondes de Monserrate empregavam largo número de trabalhadores que se alojavam nessas propriedades com as suas famílias.

Por isso, a Casa de Monserrate construiu vários equipamentos sociais para corresponder às necessidades dessas pessoas. Edificou uma escola em Galamares e um salão de festas de fino recorte artístico, com frescos bastante interessantes no seu interior. Foi, muito provavelmente, a melhor sala do género do concelho na época e ainda hoje permanece intacto.

No primeiro quartel do século XX, era administrador da Casa de Monserrate Guilherme Lawrence Oram, também ele abastado proprietário, dono do Lawrence's Hotel da Vila de Sintra e, por exemplo, do Casal do Mindelo nas Azenhas do Mar. Foi sob a sua administração que os terrenos pertencentes à Casa de Monserrate, e que ocupavam larga parcela do território que constitui hoje Galamares, foram retalhados e divididos primeiro pelos rendeiros, depois pelos trabalhadores da Casa e, por fim, por outros interessados na compra. De facto, Galamares conhece, nessa altura, um grande impulso no seu desenvolvimento urbano.

Hoje, a Várzea de Sintra é o maior aglomerado urbano da freguesia. Povoação esticada ao longo das vias de comunicação durante os séculos, conheceu, nas últimas décadas, um alargamento considerável sobretudo para Norte, com a construção de novos bairros, novas moradias e um conjunto de equipamentos que a ajudaram a Várzea de Sintra a crescer e a modernizar-se. São exemplos, o pavilhão da Sociedade Recreativa da Várzea de Sintra, o moderno Centro de Saúde ou o edifício que albergará a delegação da Junta de Freguesia.

Também Nafarros conheceu esse crescimento recente, quando aí se construiu o empreendimento urbanístico da Quinta Verde, bastas vezes contestado pela sua dimensão, características arquitectónicas e posicionamento, mas que trouxe um considerável aumento na população residente. Nesta ancestral povoação que, tal como acontece em outros lugares, aglutinou outros povoados, como o lugar da Zibreira, tem um magnífico pavilhão da colectividade local, a União Desportiva de Nafarros que desenvolve um trabalho notável em prol do desporto na região.

Por todas estas razões, a freguesia de São Martinho pode olhar de frente o futuro, sempre incerto mas também sempre surpreendente. Isto porque o património mais valioso que possui são as pessoas. E serão elas, tal como em outros tempos outros o fizeram, a desenvolver a engrandecer esta região tão bela e de importância máxima para a nossa identidade.

**Estudo demográfico  
da  
Freguesia de São Martinho**



A ocupação humana do território da freguesia de São Martinho teve, ao longo da História, uma dualidade interessante. Por um lado, a concentração em torno do Paço Real, o aglomerado urbano da Vila Velha, sede da freguesia, e por outro, as várias aldeias e lugares que salpicam a zona rural.

Hoje, com o crescimento de alguns desses lugares, já não existe essa disparidade populacional, muito pelo contrário, já que, enquanto a Vila de Sintra vai ficando com cada vez menos moradores, lugares como a Várzea, Nafarros, Morelinho, Janas ou mesmo Galamares estão em constante renovação, em permanente desenvolvimento e com a sua população residente a aumentar de forma contínua.

Se bem que não existam censos – ou qualquer outro tipo de documentação análoga – anteriores a 1527, que possam documentar a evolução da cobertura humana na freguesia, podemos, no entanto, tecer aqui algumas hipóteses que nos parecem bastante plausíveis.

Remontando ao tempo da Fundação de Portugal e ao Foral de Sintra, dado por D. Afonso Henriques em 1154 aos trinta povoadores do castelo de Sintra, nada mais acrescenta esse documento em termos populacionais. Sabemos, contudo, que a Judiaria era habitada pelos seguidores da Lei de Moisés, que nos campos trabalhavam as gentes saloias e que por cá permaneceram mouros, gente simples, trabalhadores que viam Sintra como a sua terra, a sua pátria, e dela não quiseram partir.

Até meados do século XIV, julgamos que a população aumentou consideravelmente na região, aliás acompanhando o crescimento que aconteceu por toda a Europa. Alguns documentos do reinado de D. Dinis sugerem um forte incremento agrícola que necessitava de braços, em número suficiente, para o amanho das terras.

Mas, como atrás já ficou dito, em 1348 chegou a Sintra a Peste Negra, causando uma mortandade devastadora. Aconteceu, então, uma enorme e abrupta baixa populacional que demoraria vários anos a recuperar, tanto mais que outros surtos pestilentos surgiram em anos posteriores, travando o crescimento.

O primeiro censo conhecido data de 1527, ordenado por Carta Régia de D. João III, onde se referia a necessidade de um trabalho de contagem dos habitantes nos lugares do reino, a ser feito pelo escrivão ou por outra pessoa designada para o efeito.

No que a nós diz respeito, a descrição foi efectuada pelo juiz António Penhorada, pelo vereador Martim Albernoz e pelo tabelião Jorge Fernandes. Era a Vila de Sintra composta por 22 vintenas – série de um grupo de vinte fogos numa povoação – e por 1062 vizinhos.

Em relação ao território da freguesia de São Martinho eram apontadas duas vintenas: a de Janas (incluindo os casais dos arredores) com 31 habitantes; a de Cabriz com 39, para além da própria Vila de Sintra com 198 habitantes.

#### Freguesia de São Martinho em 1527

Lugares	Habitantes
Vila de Sintra	198
Vintena de Cabriz	39
Vintena de Janas	31

É necessário compreender aqui que a vintena de Cabriz, embora esse lugar se situe na actual freguesia de Santa Maria e São Miguel, contava, no entanto, com os habitantes de Cabriz, Várzea, Carrascal e Morelino.

Mais tarde, a «Lista das Comarcas do ano 1640», oferece-nos outro censo populacional, cujos valores em alguns aspectos são surpreendentes. Neste documento, a Vila de Sintra encontrava-se distribuída por 19 vintenas (e não as 22 de 1527) e possuía 1087 habitantes.

Respeitante à freguesia de São Martinho, diz-nos que a “Vila e seu arrabalde” tinha 163 vizinhos – portanto, menos que em 1527. Na zona rural, já só aparece a vintena de Cabriz, assim descrita:

#### Vintena de Cabriz (1640)

Lugares	Habitantes
Cabriz	18
Várzea	20
Carrascal	12
Morelinho	11
<b>Total</b>	<b>61</b>

Ou seja, esta vintena que em 1527 apresentava um total de 39, surge em 1640 com 61 habitantes. Existe aqui um aumento significativo na zona rural, enquanto que o aglomerado urbano da Vila perde habitantes.

Outro documento que nos oferece uma perspectiva populacional de Sintra data de 1728, e é conhecido pelo nome de “*Calçadas de Runa*”. Aqui é apresentada uma relação do pagamento da finta, um tributo pago à Câmara pelos habitantes da região. Nas “*Calçadas de Runa*” a Vila aparece dividida em 20 vintenas, e muito embora não consista num censo da população, oferece uma listagem de moradores que estavam sujeitos a esse imposto. Por isso, não abrange a totalidade da população, embora os dados recolhidos sejam bastante interessantes.

No que respeita à freguesia de São Martinho, apenas dois dados significativos. Deixa de constar a vintena de Cabriz e volta a surgir a de Janas.

#### Freguesia de São Martinho (1728)

Lugares	Habitantes	Tributo (em réis)
Vila de Sintra	145	12.360
Vintena de Janas	64	8.640

Em 1758, três anos após o terramoto, Sebastião José de Carvalho e Melo, o célebre Marquês de Pombal, manda efectuar as chamadas “*Memórias Paroquiais*”, espécie de inter-

rogatório com perguntas exaustivas e que abrangiam várias áreas, enviado aos párocos para que os preenchessem com os dados das suas freguesias.

Na época, o concelho de Sintra encontrava-se dividido em treze freguesias e apresentava um total de 3.735 fogos, sendo a população de 12.429. No que respeita à freguesia de São Martinho, o número de fogos era de 175, enquanto que a população se cifrava nos 594 habitantes.

Todavia, estas “*Memórias Paroquiais*” dão-nos dados mais precisos sobre a freguesia em 1758. Diz este documento que a freguesia de São Martinho era composta por 12 lugares e a população distribuía-se do seguinte modo:

#### Freguesia de São Martinho em 1758

Lugares	Fogos	Habitantes
Ribeira	10	59
Cabriz	8	27
Várzea de Cima	17	47
Várzea de Baixo	26	91
Carrascal	18	46
Morelinho	16	101
Nafarros	24	81
Luzio	6	15
Zíbreira	10	41
Janas	24	71
Galamares	9	41
Casalinho	7	14

É necessário ter em atenção que aqui não estão incluídos os números de habitantes e de fogos respeitantes à Vila de Sintra, já que ela também faz parte da freguesia de São Martinho. Mas o estado calamitoso em que ficou a Vila depois do terramoto, fez com que existisse um relatório específico para o aglomerado urbano.

Em 1838, era publicada a “*Cintra Pinturesca*”, livro pioneiro na historiografia sintrense e escrito pelo Visconde de Juromenha. E aqui voltamos a encontrar dados sobre a população da freguesia de São Martinho.

«Está esta Freguezia situada na praça da villa, que fica nas abas da serra: he sua fundação tão antiga que remonta ao principio da monarchia. Foi arruinada pelo terramoto de 1755, e em quanto se não reedificou, se fizêrão os officios divinos nas cazas do Marquez de Pombal. Consta a sua população de 356 fogos e 1:800 habitantes, e confina o seu districto com os da Freguezia de S. Miguel, e Santa Maria do arrabalde da villa, de S. João das Lampas, e Terrugem, no termo deste Concelho, e com o da villa e Freguezia de Collares.

Consta o dito districto, de dezoito povos, ou logares denominados

— O local da villa em que ha 144 fogos

Ribeira .....	10
Cabrís .....	11
Varzea de cima .....	12
Meiraner .....	2
Mata do Pago .....	3
As Granjas .....	3
Varsea debaixo .....	15
Figueirinha .....	3
Carrascal .....	9
Morelino .....	28
Jaunas .....	30
Zibreira .....	15
Nafarros .....	34
Gallamares .....	16
Quinta do Casalinho .....	3
Quinta da Piedade .....	5
Quinta de Penha Verde, Com suas annexas .....	13
<b>Somma .....</b>	<b>356»</b>

A esta relação, bastante interessante e muito complementar para este nosso modesto estudo, acrescenta ainda o Visconde de Juromenha, relativamente à freguesia de São Martinho, que: «O numero medio dos nascidos de ambos os sexos, em cada hum dos cinco annos de 1815 a 1820 foi de 52, o dos mortos 52, o dos expostos de 8, e dos cazamentos de 8.»

O concelho de Sintra viu aumentada, de forma quase explosiva, a sua população nos últimos tempos. Contudo, esse crescimento foi sempre constante e progressivo ao longo de todo o século XX, salvo uma excepção que à frente realçaremos. Os dados que aqui apresentamos são disso reveladores:

### **População de Sintra**

<b>Anos do censo</b>	<b>População</b>
1864	20 766
1878	21 990
1890	22 918
1900	26 074
1911	30 694
1920	29 762
1930	37 986
1940	45 171
1950	60 426
1960	79 964
1970	127 746
1988	256 904
1991	260 953
2001	363 556

Tirando os censos de 1911 e 1920, onde existe um pequeno decréscimo na população, muito por culpa das gripes pneumónicas que assolaram a região nos anos de 1918 e 1919, causando grande mortandade, o crescimento é sempre progressivo. Aliás, a partir da década de sessenta, esse crescimento torna-se galopante.

Nos últimos anos, a freguesia de São Martinho não cresceu em termos populacionais, pelo contrário, muito embora esse decréscimo seja bastante moderado e com tendência para recuperar.

Em 1970, a freguesia de São Martinho apresentava uma população de 4.486, desciminada segundo o quadro seguinte:

### Freguesia de São Martinho em 1970

Homens	Mulheres	Total
2 184	2 302	4 486

Quanto ao número de prédios, alojamentos e famílias, a freguesia possuía os seguintes valores:

Prédios	Alojamentos	Famílias
1.714	1.741	1.322

Estes valores querem dizer que predomina, na freguesia de São Martinho, a propriedade horizontal e a habitação unifamiliar, ao contrário da predominância da construção vertical verificada nas zonas urbanas do concelho.

Na estimativa de 1988, e realçamos que se trata, apenas, de uma estimativa e não de um censo, São Martinho apresentava 6.485 de população residente, para uma área de 2.428 ha.

No censo de 1991, a freguesia encontra-se referenciada com os seguintes valores:

### Freguesia de São Martinho em 1991

Total	Homens	Pop. Residente	Famílias	Alojamentos	Edifícios
5 995	2 888	5 132	1 816	2 619	2 266

Embora o total aqui apareça com um valor menor do que em 1988, não quer isto dizer que a população tenha diminuído, já que, como afirmamos, os valores de 1988 eram apresentados por estimativa, enquanto que os de 1991 são valores reais.

Já o mesmo não se poderá dizer se compararmos os valores de 1991 com os do último censo, efectuado em 2001.

### Freguesia de São Martinho em 2001

Total	Homens	Famílias	Alojamentos	Edifícios
5 922	2 815	2 237	3 157	2 751

Neste quadro, e comparativamente aos dados de 1991, realce para o aumento no número de alojamentos e edifícios sem que, contudo, isso implicasse um aumento da população residente. São valores que fazem pensar, sobretudo na desertificação do centro histórico da Vila de Sintra, com grande quantidade de edifícios devolutos e uma população decrescente e envelhecida.

Esperamos que este trabalho também sirva como instrumento de reflexão sobre a ocupação humana na freguesia. Que sirva como base, ou simples e modesto apoio, a planos integrais e integrados de ordenamento, de urbanismo, de incentivos à recuperação de edifícios, à implementação de programas de arrendamento de casas para a juventude...